

«XISTO, METEOROLOGIA, VITIS VINIFERA, TALENTO E MÃOS»: A REPRESENTAÇÃO DA PAISAGEM DURIENSE EM *DOURO: PIZZICATO E CHULA*, DE A. M. PIRES CABRAL

ISABEL MARIA FERNANDES ALVES*

Resumo: *Esta proposta tem como âmbito a análise de um dos volumes de poesia de A. M. Pires Cabral, Douro: Pizzicato e Chula, obra que recebeu o Prémio D. Dinis, em 2006. Através dos poemas aí inscritos, e tendo como referência o projeto LITESCAPE.PT, pretende-se sublinhar o interesse da literatura para a compreensão da paisagem, uma vez que, através da linguagem literária, se manifestam não apenas o território, em pormenores topográficos, climáticos, orográficos e botânicos, mas também o modo como as gentes habitam e sonham esse mesmo lugar. Esta proposta argumenta igualmente que Douro: Pizzicato e Chula veicula uma perspetiva poética e singular, não deixando, contudo, de constituir um exemplo da responsabilidade pública que a Convenção Europeia para a Paisagem tem fomentado, pois a paisagem poética é também ela uma forma de promover e proteger a paisagem duriense, preservando o seu «carácter, qualidades e valores».*

Palavras-chave: Douro: Pizzicato e Chula; A. M. Pires Cabral; paisagem; literatura; Douro.

Abstract: *This proposal focuses on A. M. Pires Cabral's Douro: Pizzicato e Chula, a work of poetry that received the D. Dinis Prize in 2006. Through the poems, and with reference to the LITESCAPE.PT project, we intend to underline the interest of literature in understanding the landscape, since through literary language the territory is manifested in topographic, climatic, orographic and botanical details, but also the way people inhabit and dream about that place. This proposal also argues that Douro: Pizzicato e Chula conveys a poetic and unique perspective, whilst remaining an example of the public responsibility that the European Landscape Convention has fostered, since the poetic landscape is also a way of promoting and protecting the Douro landscape, preserving «its character, qualities, and values».*

Keywords: Douro: Pizzicato e Chula; A. M. Pires Cabral, landscape; literature; Douro.

1. PAISAGEM E LITERATURA — PRESTAR ATENÇÃO ÀS FORMAS E SENTIDOS DO MUNDO

Para pensar a paisagem, recorreremos ao pensamento de Gonçalo Ribeiro Telles. À pergunta sobre qual o seu significado, responde: «A paisagem é tudo. É um diagnóstico de uma organização humana do território. A paisagem não é natural. É construída com elementos naturais. É do Homem, como uma casa. O Homem faz a paisagem com materiais vivos e com solo duro»¹. Acrescenta ainda: «A paisagem é a expressão do espaço que é vivido pelo Homem. É a imagem, a expressão física, a visualização do espaço que é vivido pelo Homem»². Por seu lado, o Douro, descreve-o deste modo:

* Professora auxiliar da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD) e investigadora do CEAUL (Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa).

¹ TELLES, 2004.

² TELLES, 2004.

Quando olho para o Douro vejo fundamentalmente um presépio de socalcos lindíssimos a subir as encostas, coroadas por uma mata, que vão cair sobre um rio cheio de salgueiros. Entramos no Douro e vemos aquela majestosa linha dos socalcos, com a vinha encarniçada no outono e os castanheiros lá em cima. Aquilo foi feito e não se pensou em paisagem. Mas o resultado está certo. As vidas e as técnicas ilustram-se³.

Para Gonçalo Ribeiro Telles a paisagem é uma entidade viva e dinâmica, resultando sempre, como refere em relação ao Douro, do diálogo entre circunstâncias naturais — orográficas, climáticas, botânicas — e a realização humana. Ou seja, se por um lado entender um lugar é começar por compreender a geografia desse lugar, por outro lado, essa entidade que se constitui paisagem é sempre o resultado do diálogo entre o elementar e o humano. Também o geógrafo Orlando Ribeiro estudou a paisagem de Portugal, entendendo-a como «marcada pela tonalidade comum de factos físicos e humanos que se relacionam entre si»⁴. O seu pensamento concorreu, além disso, para a compreensão de um país dividido entre influências atlânticas e mediterrâneas, sendo que, segundo Orlando Ribeiro, estas últimas são preponderantes, influenciando clima e solo, o manto vegetal, a economia, a organização social. É também seu o olhar que convida a compreender a presença da vinha no Douro quando escreve:

Foi o homem, transformando, a partir do século XVII, os matagais que cobriam as vertentes do Douro nos vinhedos onde se cria o porto, e difundindo, depois da filoxera, a oliveira e a amendoeira em todas as baixas, que trouxe maior reforço à meridionalidade da região. Para a vinha primeiramente, mas também para aquelas árvores se ergueu, na escadaria dos geios, uma das mais extraordinárias paisagens rurais construídas que se conhecem no mundo⁵.

O geógrafo alude ainda a outros elementos que caracterizam a paisagem duriense: o terreno de xisto, os mortórios ou socalcos abandonados desde esse tempo e invadidos pelo mato, a presença de oliveiras e amendoeiras, as quintas, a cardenha. Também na obra *Portugal — o Sabor da Terra*, uma obra que reflete sobre as especificidades das regiões de um ponto de vista histórico e geográfico, se refere que o Douro, «nome de rio que transbordou da água para as margens»⁶, é um dos mais singulares espaços do mundo, sendo o vinho «o fulcro de todas as suas singularidades»⁷. De referir ainda, pela intensidade do desenho das palavras que ali adquirem o «Rio Doiro» e a região, o texto de Miguel Torga em *Portugal*.

³ TELLES, 2020.

⁴ RIBEIRO, 2001: 30.

⁵ RIBEIRO, 1991: 151-152.

⁶ MATTOSO, DAVEAU, BELO, 2010: 190.

⁷ MATTOSO, DAVEAU, BELO, 2010: 195.

Este autor di-lo de forma enxuta e crua: «não se conhece o doiro procurando apenas a beleza que se vislumbra dos miradouros e o êxtase dos seus horizontes. Antes, é preciso entender o que é ser criador de vida nesse chão árido e hostil» e aí «dar uma resposta quotidiana à morte, transforma[ndo] cada ravina em parapeito de esperança e cada bagada de suor em gota de doçura»⁸. É também neste breve texto que o autor de Portugal resume o que de mais elevado se pode escrever sobre o rio e a região: «é, no mapa da pequenez que nos coube, a única evidência incomensurável com que podemos assombrar o mundo»⁹. Assim, sobre esta reflexão, que se dedica a olhar um dos autores literários do Douro, pesa a responsabilidade de perspetivar uma região que é Património Mundial da Humanidade, ou seja, sopesa sobre estas nossas palavras a tentativa de perceber de que modo «materiais vivos», «solo duro» e atividade humana se articulam, duplicando essa paisagem física singular num lugar literário onde, a par do trabalho estético da linguagem, vivem significados que densificam o(s) sentido(s) dessa região. No seguimento do que foi referido, quando nos referimos à paisagem estamos, pois, a pensá-la como um elemento que «exprime as facetas sensoriais dos territórios» e que deve ser assumida como «um sistema identitário [...] um sistema de significados através do qual o sistema social é comunicado, reproduzido, experimentado e explorado»¹⁰.

Instalados no território de xisto, olhemos, por momentos, o território da literatura. São várias as perspetivas que apontam os benefícios de um encontro entre as áreas da paisagem e da literatura. Os lugares geográficos são usados pelos romancistas e poetas para traçar ideias e valores, oferecendo ao leitor um pórtico para um melhor entendimento do território e das gentes de uma região ou país, ou seja, de uma identidade. Afigura-se-nos relevante a ideia de que ler a paisagem é um exercício de hermenêutica, pois oferece e reflete «crenças e valores da sociedade, traduzem sentimentos, valores e fantasias face ao ambiente, são herança intelectual e espiritual»¹¹. A par deste pensamento, sublinhamos também a perspetiva de Maria Lúcia Lepecki sobre a paisagem literária, lembrando a estudiosa que esta chega ao leitor através da retórica do discurso, através de decisões de quem olha, de quem secciona, de quem prioriza «um horizonte de perceção»¹². Neste sentido, o escritor é um criador, seccionando e percecionando o território físico para mostrar não apenas os detalhes que caberiam dentro da observação do geógrafo, por exemplo, mas sobretudo para chamar a atenção para as palavras com que recorta a paisagem, revelando os valores e os afetos vividos aquando do encontro entre o ser humano e o mundo natural, uma relação que, segundo Claudio Guillén, concede ao

⁸ TORGA, 1980: 47.

⁹ TORGA, 1980: 47.

¹⁰ ALVES, 2001:74.

¹¹ SALGUEIRO, 2001: 46.

¹² LEPECKI, 2001: 147.

indivíduo a possibilidade de «transcendência»¹³. Assim entendida, a paisagem é «origem excecional de sentido»¹⁴, oferecendo um campo privilegiado para o exercício da imaginação, figurando, desse modo, uma «zona de otrede»¹⁵, onde o ser humano procura descobrir sentidos e valores «que justifican el mundo y su propia pertinência a él». Justificando o interesse da leitura da paisagem feita através da sensibilidade dos poetas, Guillén acrescenta que estes procuram nela não tanto o detalhe descritivo ou a mera experiência visual, mas, antes, a sua centralidade, a sua verdade consubstancial, ou seja, a paisagem pensada como lugar ontológico, «cualitativamente y en profundidad»¹⁶. Em síntese, paisagem e literatura assumem-se aqui como espaços de possibilidade e conhecimento, bem como modos de prestar atenção às formas e sentidos do mundo.

Neste momento introdutório, é ainda relevante salientar que, em termos de metodologia, temos como referência o trabalho realizado no projeto *LITESCAPE.PT — Atlas das Paisagens Literárias de Portugal Continental*, que pretende sublinhar o interesse da paisagem literária para a compreensão de uma região, de um território, de um país, e que baseia a análise destacando os aspetos que, através da linguagem, são manifestação do território — pormenores topográficos, climáticos, orográficos e botânicos —, pois estes revelam não apenas o modo como as gentes habitam o lugar, mas a forma como o sonham¹⁷. Posicionados neste patamar em que território e lugar literário se influenciam mutuamente e procurando mostrar de que forma a geografia e o destino humano se entrelaçam, dediquemos atenção ao espaço literário que aqui nos convoca: *Douro: Pizzicato e Chula*, obra de poesia de A. M. Pires Cabral, publicada em 2004. Esta resulta de uma viagem de barco no Douro, entre o Porto e Barca de Alva, em setembro de 1999, a convite do Instituto de Navegabilidade do Douro, e a sua estrutura desenvolve-se em redor dessa viagem: pelo rio, olhando as margens e perscrutando as gentes — os humildes que trabalham com as mãos o corpo da paisagem, e os aristocráticos que lhe emprestam talento e ciprestes heráldicos. Uma viagem física, mas também emocional; uma viagem que se faz ao longo do rio, mas também pelas emoções do poeta, que olhando o rio e as suas margens daí retira a sua experiência poética. Além disso, a partir desse encontro singular com a paisagem, o poeta regista também a memória do que ali permanece das múltiplas e longas inter-relações entre o indivíduo com esse território.

¹³ GUILLÉN, 1992: 89.

¹⁴ GUILLÉN, 1992: 89.

¹⁵ GUILLÉN, 1992: 95.

¹⁶ GUILLÉN, 1992: 97.

¹⁷ Disponível em <<https://ielt.fcsh.unl.pt/Projetos/atlas-das-paisagens-literarias-de-portugal-continental/>>.

2. «— PARA QUE DIABO, DOURO, QUERERÁS / AS INTRUSAS / PALAVRAS INQUINADAS DO POETA?»

O Douro tem sido representado por autores tais como Guerra Junqueiro, Miguel Torga, João de Araújo Correia e António Cabral. Deste último poeta, e na obra *Poemas Durienses*, publicada em 1963, alguns dos versos resumem a ligação entre os durienses e a paisagem: «Estes montes que se dobram e desdobram como um ribombo [...] / Montes parados e lançados, / doridos e convulsos, curvos, / recurvos e aturdidos! [...] / Estes montes explicam-nos»¹⁸. De forma lapidar, sintetiza-se num outro poema: «Aqui, Douro. O paraíso / Do vinho e do suor»¹⁹. As perspetivas artísticas sobre a paisagem duriense são unânimes em realçar que esta resulta de uma singular mescla de beleza natural e de trabalho, tendo-se afirmado como uma imagem cultural forte, inspirando autores, pintores e fotógrafos, os quais, repetidamente, têm tentado captar a sua singular imponência e «sobretudo a sua fabulosa cor, feita de verdes intensos ou anilados no verão e de vermelhos e dourados no outono»²⁰. A. M. Pires Cabral, autor que, além de quase duas dezenas de obras de poesia, tem publicado romances, ensaios e crónicas, escreve, em *O meu Douro*, um dos capítulos da coletânea *Por Esta Terra Adentro*, que o Douro da sua memória, «esse que tinha estados de espírito e uma alma atormentada por um intransitivo desassossego, e o Douro atual, de grandes massas de águas mansas, não é já o mesmo»²¹. No entanto, sublinha, o maravilhamento acontece sempre que observa a paisagem duriense:

*combinando um número relativamente pequeno de espécies vegetais — a vinha, a oliveira, a amendoeira, as carvalhas e o mato rasteiro — produz uma infinidade de panoramas. Os vinhedos extensos, baixando das alturas até quase à flor das águas, dão lugar, às vezes, a cenários lunares de aridez total onde tudo parece ser pedra e arbustos maninhos, para logo reaparecerem, agora em montes mais boleados, adoçados, sem ímpetos nem acrobacias*²².

Perante o assombro dessa paisagem, o escritor interpela o leitor: «como foi possível negligenciar tão longamente esta riqueza natural que, em tempos de turismo, de viagens e de apetência por saber mais do mundo, pode ser transformada numa preciosa mais-valia do mais belo vale vinhateiro de Portugal, e se calhar do mundo»²³.

É neste território demarcado pela beleza natural, pelas vinhas e pelo suor humano que entramos em *Douro: Pizzicato e Chula*, obra que é fruto, segundo Manuel de Freitas,

¹⁸ CABRAL, 2017: 15.

¹⁹ CABRAL, 2017: 98.

²⁰ MATTOSO, DAVEAU, BELO, 2010: 202.

²¹ CABRAL, 2018: 55.

²² CABRAL, 2018: 59.

²³ CABRAL, 2018: 55.

«de uma mestria comparável na nossa tradição, ao legado trovadoresco, à “cantiga” de João Roiz de Castelo Branco ou à música tangível de Eugénio de Andrade e Mário Cesariny»²⁴. O mesmo poeta assinala também que *Douro: Pizzicato e Chula* tem no centro uma viagem, ou melhor, uma viagem interior e exterior, que se interpenetram «na medida em que o rio se conforma àquilo a que, em retórica, se chama silepse: algo que nos surge, simultaneamente em sentido próprio e figurado»²⁵. É neste sentido que se percebem melhor as palavras de outro poeta e crítico, Pedro Mexia, quando, sobre esta obra de A. M. Pires Cabral, recorda: «é indiscutível que se trata de um poemário sobre o “país das uvas navegável”, mas o rio, diz o poeta, é ao mesmo tempo um lago, um espelho e uma estrada. Ou, de outro modo, um passeio, uma revelação, uma travessia»²⁶. Acerca da viagem e das suas intenções, o leitor pode ler logo no primeiro poema: «O navio dos loucos: Sabe-se porém que estes poetas / abrasados nos mais canoros zelos / têm uma oculta segunda intenção: // fazer a derradeira tentativa / de também se decifrem a si mesmos, / e não apenas o que o cerne do rio / retém por nomear»²⁷. Insistimos, porém, na ideia de que o rio metafórico, ou seja, como ideia de destino — aspeto fulcral em «Elegia do Douro», um conjunto de poemas sobre o rio em *As Têmporas da Cinza* (2008) —, é, nesta nossa reflexão, um aspeto menos considerado, pois, neste texto, procuramos privilegiar sobretudo considerações que, na expressão de António Guerreiro, incidem sobre «uma grandiosa configuração de pequenos sinais» em redor da força, grandeza e beleza do Douro²⁸.

Para título deste artigo escolheu-se o poema «Douro, S.A.», porque traduz alguns dos mais destacados participantes na criação, gestão e preservação da região. O poema, além de enumerar particularidades associadas ao Douro, é também um olhar irónico sobre o papel dos poetas na sociedade, mas, neste momento, interessa-nos salientar o que ao Douro diz respeito: «Três sócios. // Deus entrou com o xisto, / a meteorologia / e a Vitis vinifera. / O inglês (e similares), / com o paladar e o talento / colonizador. / O indígena, com os braços, com as mãos, / com as unhas (para arrebunhar a terra / em momentos de maior lucidez), / com as glândulas sudoríparas / — e muitas vezes com o corpo todo. // Investimento / equitativamente repartido, / como se vê. / (Os dividendos é que nem por isso)»²⁹. No poema, enumeram-se o solo, o clima, a vinha e dois dos principais protagonistas humanos do Douro, o trabalhador e o estrangeiro aristocrata, este último o mesmo que, desde finais do século XVII, colhe os dividendos do fruto da vinha. É a partir desta inscrição geográfica e humana que o poeta observa ora a água

²⁴ FREITAS, 2004: 55.

²⁵ FREITAS, 2004: 55.

²⁶ MEXIA, 2004: 45.

²⁷ CABRAL, 2004: 13.

²⁸ GUERREIRO, 2006: 162.

²⁹ CABRAL, 2004: 31.

do rio, ora as suas margens, e que através da linguagem conotativa e concisa da poesia conduz o leitor através da orografia, botânica, fauna e construído humano que avista do barco que o transporta Douro acima. O rio, vai-o repetindo sucessivamente, já não é o mesmo da sua juventude, esse rio primitivo é agora «refém das memórias de outra geração: / quando era um ímpeto de ira / como um punhal tirado da bainha / ou pedra arremessada contra vidro»³⁰. Um rio que terá, segundo o poeta, perdido o «revoltoso espírito»³¹ e que se vê agora parado entre barragens e eclusas, fazendo com que a viagem se torne estranhamente vertical e imagem de «desavinho da cepa copiosa»³². Porém, é nessas águas que vivem o *Barbus bocagei*, a garça das grandes asas, o veloz pica-peixe, que «depressa se confunde / na rama dos salgueirais»³³. Ao longo da viagem, o sujeito poético ora convida o leitor a baixar os olhos até às águas do rio, ora solicita a elevação do olhar, anotando o «baço [d]os montes, o xisto, a sensual / curva dos geios»³⁴, o promontório de São Leonardo de Galafura. Em vez de olhar o rio do alto, como no poema de Miguel Torga, a voz poética descreve esse lugar visto a partir da água: «visto de profundis, / talvez se entendam melhor / as metáforas de Torga: com efeito, / o nauta celeste parece ir / à proa dum navio de penedos / e o mar em que navega / parece de mosto, tal e qual»³⁵. Observam-se também locais como Pala e Valeira, «lugares tão feitos / para a malha do silêncio»³⁶, as hortas junto ao rio, «uma casa de quinta. // E junto dela um cipreste», evocando «o vagaroso, / inábil fim de tantos»³⁷. Repetidamente, a voz poética insiste em reclamar para o território da linguagem a particularização da paisagem, essa que se define por «chavascas / que alternam com vinhedos»³⁸ demorando o seu olhar no território inconfundível dos mortórios: «A lembrança / da vinha nos geios que perduram. / Injúrias / da pequena criatura semelhante / aos deuses da desordem. // Um clamor ainda audível, um / conglomerado de pragas. / O vinho moribundo. // Lugares de estevas e abominação»³⁹. Mas nos poemas de *Douro: Pizzicato e Chula* não figuram apenas os elementos naturais; também alguns dos vultos emblemáticos da sociedade duriense surgem a desenhar a paisagem social. Um poema em particular, «A morte da Ferreirinha», refere um acontecimento que terá sido uma «humilhação para o Douro dos pergaminhos»: «Do mesmo modo que à noite certas flores / por condolência com a ocultação do sol / cerram corolas, / a Quinta do Vesúvio como

³⁰ CABRAL, 2004: 16.

³¹ CABRAL, 2004: 39.

³² CABRAL, 2004: 50.

³³ CABRAL, 2004: 48.

³⁴ CABRAL, 2004: 25.

³⁵ CABRAL, 2004: 34. Referimo-nos ao poema «São Leonardo de Galafura», de Miguel Torga.

³⁶ CABRAL, 2004: 45.

³⁷ CABRAL, 2004: 55.

³⁸ CABRAL, 2004: 60.

³⁹ CABRAL, 2004: 33. Para uma ideia mais informada do que define o mortório, consulte-se a página da UTAD. Disponível em <https://jb.utad.pt/ctematicas/mortorios_do_douro>.

que mirrou, / quando aquela que cuidava da casa, / punia os desaforos de criadas, / escriturava, administrava, decidia / e marcava o dia de actuar / sobre as cepas, / se sentiu indisposta em Entre-os-Rios»⁴⁰.

Terminada a viagem física, o sujeito poético insiste na continuidade da viagem interior: «o repto do Douro escalda como / uma febre nas dunas. Repercute / nas têmporas, magoa / as vísceras da alma»⁴¹, querendo com isto salientar que, terminada a travessia, o Douro continua dentro de si, construindo uma paisagem interior de montes e de mágoa. Por outro lado, o seu labor de poeta faz o que tem a fazer, colher e escolher as palavras que mais se aproximam da paisagem, valorizando-a e preservando-a. No poema que dá título a esta reflexão, «Douro, S.A.», depois de nomear os três sócios na criação da paisagem do Douro: Deus, o inglês e o indígena, refere-se aos poetas, esses que, «como ratos, / vêm às migalhas do banquete»⁴². Em tom sarcástico, escreve que nenhum dos três sócios vê mal na presença dos ratos, uma vez que estes roem «a parte meramente / imaterial», «inconsumptível» da paisagem, pois, «afinal de contas, a beleza / do Douro é um recurso renovável»⁴³. O papel do poeta surge aqui ironicamente menorizado. No entanto, a perceção da paisagem do Douro constitui o alicerce poético de *Douro: Pizzicato e Chula*, o labor perseverante de um poeta que insiste na preservação da paisagem, acolhendo-a e recriando-a nos versos que germina: «não há poema que valha o oboé / oculto na voz desta cautelosa / ave ribeirinha / que vai monologando numa língua / que os poetas desconhecem // — mas se obstinam em arremedar»⁴⁴. O poeta também não desistiu de perscrutar e procurar entender a singularidade do destino da *Vitis vinifera* — ao mesmo tempo planta a alma da paisagem duriense —, continuando, mesmo em obras posteriores, a interrogar-se sobre o seu corpo, forma e mistério: «Em vez de furar o ar em busca de horizonte, / a videira ama o rés da terra, prefere a companhia / dos homens à das nuvens e das aves. // Prefigura dessa forma o vinho que dará: // longo, alastrando, amparando-se / aos arames da consolação»⁴⁵. A planta é aqui transformada em imagem do próprio poeta, preferindo, também ele, o «rés da terra», ou seja, fazer o seu labor poético a partir do que conhece e experiencia, a paisagem e os homens que a habitam, amparando-se nos arames da consolação que a poesia oferece, produzindo uma colheita poética perdurável e vivificante. Assim se justifica o interesse das palavras do poeta: manter a paisagem duriense visível e legível, não sem descurar a possibilidade de, em algum momento, o milagre e o mistério que a definem ficarem encerrados nas palavras que compõe: «Rilho como um osso rijo / demais para os meus

⁴⁰ CABRAL, 2004: 58.

⁴¹ CABRAL, 2004: 63.

⁴² CABRAL, 2004: 31.

⁴³ CABRAL, 2004: 32.

⁴⁴ CABRAL, 2004: 36.

⁴⁵ CABRAL, 2019: 63.

dentes decadentes / o desconcerto de me ver em pleno rio / — eu, que não sei nadar! — / a opor palavras contrafeitas / aos ruídos que salteiam este sítio / tão alegremente: // água a chofrar nas ilhargas do barco, / algum pássaro insurrecto ao silêncio / gritando pelo céu fora, / marulhar de vento / naquele renque de choupos». Embora «com tanto rumor nativo, / com tanto rumor sadio», sim, o Douro precisa das «intrusas / palavras inquinadas do poeta»⁴⁶ para perdurar no tempo e na memória.

3. «APÓS A DIFÍCIL, EXAUSTIVA / CONTEMPLAÇÃO DA PAISAGEM»: ALGUMAS CONCLUSÕES

Como se referiu, a estrutura de *Douro: Pizzicato e Chula* vive da viagem — a que começa na Régua e termina em Barca de Alva, lugar que o sujeito poético vê como «O Douro no seu mais alto / e mais perpendicular»⁴⁷ —, mas também de uma travessia interior, que, no final da viagem, pressupõe uma missão que o poeta descreve deste modo: «devolver / em vinte laudas aproximadamente / a água ao rio, a vinha aos socalcos, / o voo amplo das garças aos paus, / o Douro ao Douro»⁴⁸. Embora o sujeito poético nos diga que tentou fazer com que aqueles que viajavam ao seu lado (mas também os leitores, que farão a viagem depois) reparassem «em qualquer coisa do Douro: socalcos, fadigas, sombras, / um cardenho de xisto destelhado, / um pássaro em fuga / de que nem o nome se adivinha»⁴⁹, também escreve que, «viajando embora por este rio acima, / bem vistas as coisas, / é por mim abaixo que viajo»⁵⁰. Dupla viagem que terminará com a visão do chão da vinha, «lava / que nunca conseguiu arrefecer»⁵¹, e com a convicção de que «o repto do Douro escalda como / uma febre nas dunas»⁵². Defendemos, pois, a ideia de que o leitor, percorrendo os poemas de *Douro Pizzicato e Chula* e confrontando-se com a linguagem concentrada, musical, metafórica própria da poesia, está também a trilhar vias de conhecimento relativamente a uma paisagem que não é apenas física, mas que é aqui entendida como «identidade estética», ou seja, e como defende Paolo D'Angelo, uma entidade cujos valores estéticos, neste caso veiculados pelo olhar do poeta, funcionam como «valores intersubjectivos, culturais, históricos», isto é, um meio «de identificação cultural para uma comunidade, para um povo»⁵³. Em relação à importância da hermenêutica da paisagem, esta é reconhecida pela Convenção Europeia da Paisagem, sublinhando-se ali o valor da interdisciplinaridade na leitura da paisagem como algo evolutivo, dinâmico e em contínuo diálogo

⁴⁶ CABRAL, 2004: 24.

⁴⁷ CABRAL, 2004: 62.

⁴⁸ CABRAL, 2004: 64.

⁴⁹ CABRAL, 2004: 59.

⁵⁰ CABRAL, 2004: 59.

⁵¹ CABRAL, 2004: 62.

⁵² CABRAL, 2004: 63.

⁵³ D'ANGELO, 2012: 340.

com o ser humano. Uma paisagem de «extraordinário valor»⁵⁴, como é o caso da paisagem cultural da vinha no Douro, deve ser antes de tudo preservada, como afirma Álvaro Domingues:

O desafio é, agora, desenhar e implementar políticas de recuperação, valorização e de protecção que conciliem os valores culturais herdados, e saibam interpretar o sentido das mudanças e a melhoria das condições de vida das populações vistas não como uma espécie de «figurantes de um museu vivo, ou de jardineiros da paisagem, mas como co-actores principais da construção de um território cujo valor identitário também terá que incluir o presente e um projecto de futuro»⁵⁵.

É neste sentido que a nossa proposta relativamente à relevância da linguagem literária nessa preservação se foi construindo; no caso da literatura, esse trabalho faz-se ao nível da consciencialização. Assim, desejavelmente, depois da leitura de *Douro: Pizzicato e Chula*, o leitor acolherá de forma mais consciente a ideia de que cada um é responsável pela paisagem que cria, preserva ou destrói.

Concluindo, *Douro: Pizzicato e Chula*, de A. M. Pires Cabral, resulta de «uma difícil, exaustiva / contemplação da paisagem»⁵⁶, ou seja, de uma apreciação e sensibilidade individual perante a paisagem duriense, mas que vai resultando também num olhar mais global sobre a paisagem como um todo, pois esta afigura-se como «uma auto-biografia colectiva e inconsciente que reflete gostos, valores, aspirações e medos»⁵⁷. Se, como argumenta Gonçalo Ribeiro Telles, «o futuro da paisagem está intimamente relacionado com o nosso futuro»⁵⁸, concluímos que é necessário que a auscultação estética da paisagem seja entendida como um valor na preservação da paisagem, sendo que o olhar atento, observador e sensível do poeta ajuda a identificar e a intensificar a singularidade da paisagem duriense, contribuindo para que os leitores de *Douro: Pizzicato e Chula* desenvolvam afetividade para com essa paisagem. À semelhança do trajeto do poeta, o leitor, viajando embora ao longo da obra, bem vistas as coisas, é por si mesmo e pelo seu país que viaja. No fim da viagem, dirão com o poeta: «Abençoado Douro, abençoada / alquimia do Douro!»⁵⁹.

⁵⁴ D'ANGELO, 2012: 341.

⁵⁵ DOMINGUES, 2001: 64-65.

⁵⁶ CABRAL, 2004: 53.

⁵⁷ SALGUEIRO, 2001: 47.

⁵⁸ TELLES, 2004.

⁵⁹ CABRAL, 2004: 54.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Teresa (2001). *Paisagem — Em Busca do Lugar Perdido*. «Finisterra. Revista Portuguesa de Geografia». XXXVI:72, 67-74.
- CABRAL, António (2017). *Poemas Durienses*. Guimarães: Opera Omnia.
- CABRAL, A. M. Pires (2004). *Douro: Pizzicato e Chula*. Lisboa: Cotovia.
- CABRAL, A. M. Pires (2018). *Por Esta Terra Adentro. Páginas Transmontanas*. Lisboa: Âncora Editora.
- CABRAL, A. M. Pires (2019). *Frentes de Fogo*. Lisboa: Edições tinta-da-china.
- DOMINGUES, Álvaro (2001). *A paisagem revisitada*. «Finisterra. Revista Portuguesa de Geografia». XXXVI: 72, 55-66.
- D'ANGELO, Paolo (2012). *Repensar a Paisagem*. In SERRÃO, Adriana Veríssimo, coord. *Filosofia e Arquitectura da Paisagem. Um Manual*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, pp. 333-346.
- GUERREIRO, António (2006). *Convite à Viagem*. «Telhados de Vidro». 7, 161-168.
- GUILLÉN, Claudio (1992). *Paisaje y Literatura, o los Fantasmas de la Otriedad*. In VILANOVA, Antonio, ed. *Actas del X Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas*. Barcelona: Promociones y Publicaciones Universitarias, pp. 77-98. [Consult. 1 fev. 2022]. Disponível em <<http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmc3j5d5>>.
- FREITAS, Manuel (2004). *Água Morrente*. «Revista Actual/Expresso». (26 jun. 2004) 55.
- LEPECKI, Maria Lúcia (2001). *A Mãe promíscua: sobre natureza e paisagem*. «Finisterra. Revista Portuguesa de Geografia». XXXVI: 72, 141-147.
- LITESCPE.PT — *Atlas das Paisagens Literárias de Portugal Continental*. [Consult. 1 fev. 2022]. Disponível em <<https://litescape.ielt.fcsh.unl.pt>>.
- MATTOSO, José; DAVEAU, Suzanne; BELO, Duarte (2010). *Portugal. O sabor da Terra. Um retrato histórico e geográfico por regiões*. Lisboa: Temas e Debates; Círculo de Leitores.
- MEXIA, Pedro (2004). *Um auto-retrato com rio ao fundo*. «Diário de Notícias». (14 mai. 2004) 45.
- PORTUGAL. *Política Nacional de Arquitetura e Paisagem. Convenção Europeia da Paisagem*. [Consult. 1 fev. 2022]. Disponível em <<https://pnac.dgterritorio.gov.pt/convencao-europeia>>.
- RIBEIRO, Orlando (1991). *Portugal: o Mediterrâneo e o Atlântico*. Lisboa: Livraria Sá da Costa.
- RIBEIRO, Orlando (2001). *Paisagens, Regiões e Organização do Espaço*. «Finisterra. Revista Portuguesa de Geografia». XXXVI:72, 27-35.
- SALGUEIRO, Teresa Barata (2001). *Paisagem e Geografia*. «Finisterra. Revista Portuguesa de Geografia». XXXVI: 72, 37-53.
- TELLES, Gonçalo Ribeiro (2004). *A Paisagem é Tudo*. «Jornal Pessoas e Lugares». II:16, 4-5. [Consult. 1 fev. 2022]. Disponível em <<https://www.minhaterra.pt/a-paisagem-e-tudo-entrevista-a-goncalo-ribeiro-telles.T13570.php>>.
- TELLES, Gonçalo Ribeiro (2020). “*Se podemos ser um exemplo, sem andar a chatear ninguém, ótimo*”: Gonçalo Ribeiro Telles 1922-2020. Entrevista de Ana Soromenho. «Expresso». (11 nov. 2020). [Consult. 5 fev. 2023]. Disponível em <<https://expresso.pt/arquivo/arquivos-expresso/2020-11-11-Se-podemos-ser-um-exemplo-sem-andar-a-chatear-ninguem-otimo-Goncalo-Ribeiro-Telles-1922-2020>>.
- TORGA, Miguel (1980). *Portugal*. Coimbra: [s.n.].

